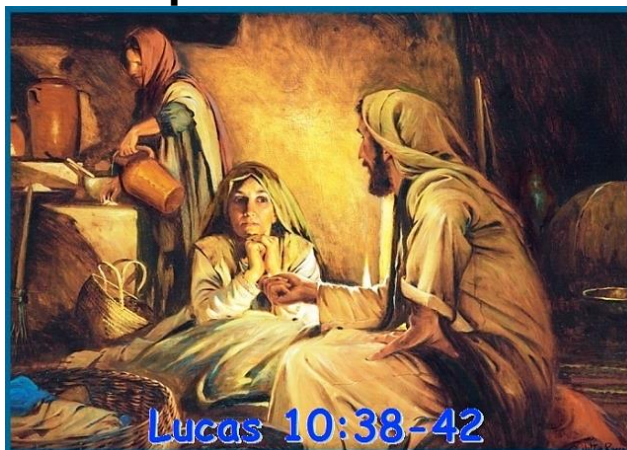


Domingo XVI do Tempo Comum - Ano C – 20 julho 2025



Viver a Palavra

«Não tenho tempo para nada!».

«O dia devia ter mais horas!».

«Passei o dia a correr e não fiz nada do que queria!».

Estas e muitas outras frases saem da nossa boca, no nosso quotidiano, e não nos permitem olhar para este Evangelho sem que nos identifiquemos com Marta, a mulher atarefada e preocupada que procura acolher e servir o Senhor e todos aqueles que o acompanham. Também nós, tantas vezes, transcorremos os nossos dias, dispersos e numa constante azáfama, cheios de múltiplos afazeres que nos ocupam e sobretudo preocupam. E quando reivindicamos do Senhor auxílio e ajuda, Ele dirige-se a nós, como outrora a Marta: «*Marta, Marta, andas inquieta e preocupada com muitas coisas, quando uma só é necessária. Maria escolheu a melhor parte, que não lhe será tirada*».

Contudo, importa não fazer leituras apressadas deste belíssimo texto que neste Domingo nos é oferecido e não ver nestas palavras de Jesus uma repreensão ou condenação pelo trabalho e dedicação.

«*Maria escolheu a melhor parte!*». Escolheu essa «*uma só coisa necessária*» que não é, de modo nenhum, apenas sentar-se diante do Mestre, numa simples escuta, evitando o trabalho. Maria escolheu aquilo que é fundamental e urgente: distinguir o necessário do supérfluo, o ilusório do permanente, o efêmero do eterno. Como seria diferente a nossa vida e o modo como enfrentamos as ocupações e os desafios quotidianos, se aprendêssemos esta arte de distinguir o necessário do supérfluo e aprendêssemos a viver ocupados e não preocupados, numa vida que se unifica pela intimidade com Jesus e pela escuta da Sua Palavra.

A nossa vida de oração e de intimidade com Deus não é apenas mais uma coisa a fazer entre os múltiplos afazeres quotidianos, mas o lugar fundamental onde podemos unificar a nossa vida, encontrar a estabilidade e a força necessárias para que tudo aquilo que temos de fazer se realize de acordo com o projeto de Deus e com a serenidade e tranquilidade necessárias.

Por isso, não podemos permitir nenhuma dicotomia entre Marta e Maria e estabelecer uma contraposição entre contemplação e ação. Ambas as atitudes constituem duas faces de um único amor e são essenciais para a configuração de uma hospitalidade autêntica que nos permite viver com verdade a nossa vocação cristã de amar a Deus e o próximo.

Para Marta, como para nós hoje, há sempre a possibilidade de um serviço que se torna totalizante, que distrai do essencial, que fecha a porta à escuta da Palavra e nos desvia dela. O primeiro serviço a prestar a Deus e aos outros é a escuta: uma escuta autêntica, sem preconceitos, que acolhe o outro como ele se coloca diante de nós. Uma escuta e acolhimento do outro que nos permitem acolher o totalmente Outro que dá sentido à nossa vida e que passa à nossa porta como passou à porta de Abraão e de Marta.

A atitude de Maria recorda-nos que não basta servir, mas que é preciso ser servo. Maria, ficando aos pés de Jesus, deixa-se plasmar pela Sua palavra, fazendo-se serva como outrora Maria, Mãe de Jesus, que visitada pelo Anjo declarou: «*Eis a serva do Senhor, faça-se em mim segundo a Sua Palavra*».

Cultivando esta atitude de docilidade e escuta, deixamos que seja Jesus o Senhor das nossas vidas e que seja Ele a conduzir a nossa história, evitando o ativismo frenético que faz de nós protagonistas e donos da nossa vida. Colocando a nossa vida com todos os seus afazeres e preocupações nas mãos de Deus, haveremos de percorrer a estrada da vida com mais confiança, renovando em cada dia a certeza de que é Deus o Senhor e condutor da nossa existência. **in Voz Portucalense**

+++++

O tempo de Verão traz consigo as merecidas férias que permitem um tempo de descontração e repouso. Aproveitando o contexto que o Evangelho deste Domingo nos oferece, pode desafiar-se os cristãos a fazerem deste tempo de férias não apenas um tempo de descanso e repouso lúdico, mas uma oportunidade para um

tempo de oração pessoal e familiar mais consistente. Além disso, tendo em conta que muitas pessoas aproveitam o tempo de férias para se dedicarem à leitura, pode ser também a oportunidade para sugerir alguns títulos que ajudem na formação cristã, bem como no enriquecimento da vida espiritual. *in Voz Portucalense*

+++++

Já no Tempo Comum, continuamos o Ano Litúrgico – Ano C - onde seremos acompanhados pelo evangelista Lucas. Tendo em vista a formação bíblica dos fiéis e a importância do conhecimento da Sagrada Escritura como Palavra que ilumina a vida dos batizados, o contexto do início do Ano Litúrgico pode ser uma oportunidade para um encontro ou até vários encontros, sobre o Evangelista deste ano litúrgico.

Como se diz acima, durante **todo este ano litúrgico – 2024/2025 -, acompanhamos o evangelista Lucas** em grande parte das proclamações do Evangelho. Deste modo, como preparação complementar, poderá ser oportuna uma proposta de formação para todos os fiéis acerca do Evangelho de S. Lucas.

E faremos isso....

Em anexo à Liturgia da Palavra e, também, num separador próprio, da página da paróquia de Vilar de Andorinho, ficará disponível um texto sobre o evangelista Lucas. Poderão melhorar os conhecimentos bíblicos – Novo Testamento e Antigo Testamento – em <https://paroquiavilarandorinho.pt/fbiblica/>. Proporciona-se a todos os fiéis, um maior conhecimento deste precioso tesouro que é a Sagrada Escritura.

LEITURA I - Génesis 18,1-10a

Naqueles dias,

o Senhor apareceu a Abraão junto do carvalho de Mambré.

**Abraão estava sentado à entrada da sua tenda,
no maior calor do dia.**

Ergueu os olhos e viu três homens de pé diante dele.

**Logo que os viu, deixou a entrada da tenda
e correu ao seu encontro;**

prostrou-se por terra e disse:

**«Meu Senhor, se agradei aos vossos olhos,
não passeis adiante sem parar em casa do vosso servo.**

**Mandarei vir água, para que possais lavar os pés
e descansar debaixo desta árvore.**

**Vou buscar um bocado de pão, para restaurardes as forças
antes de continuardes o vosso caminho,**

pois não foi em vão que passastes diante da casa do vosso servo».

Eles responderam: «Faz como disseste».

Abraão apressou-se a ir à tenda onde estava Sara e disse-lhe:

**«Toma depressa três medidas de flor da farinha,
amassa-a e coze uns pães no borralho».**

**Abraão correu ao rebanho e escolheu um vitelo tenro e bom
e entregou-o a um servo que se apressou a prepará-lo.**

**Trouxe manteiga e leite e o vitelo já pronto
e colocou-o diante deles;**

e, enquanto comiam, ficou de pé junto deles debaixo da árvore.

Depois eles disseram-lhe:

«Onde está Sara, tua esposa?».

Abraão respondeu: «Está ali na tenda».

E um deles disse:

**«Passarei novamente pela tua casa daqui a um ano
e então Sara tua esposa terá um filho».**

CONTEXTO

A primeira leitura de hoje faz parte de um bloco de textos a que se dá o nome genérico de “tradições patriarcais” (cf. Gn 12-36). Trata-se de um conjunto de relatos singulares, originalmente independentes uns dos outros, sem grande unidade e sem carácter de documento histórico. Nesses capítulos aparecem, de forma indiferenciada, “mitos de origem” (descreviam a “tomada de posse” de um lugar pelo patriarca do clã), “lendas culturais” (narravam como um deus tinha aparecido nesse lugar ao patriarca do clã), histórias sobre as vicissitudes diárias dos clãs nómadas que circularam pela Palestina durante o segundo milénio, e ainda reflexões teológicas posteriores destinadas a apresentar aos crentes israelitas modelos de vida e de fé.

Os clãs referenciados nas “tradições patriarcais” – nomeadamente os de Abraão, de Isaac e de Jacob, grupos vagamente aparentados que mais tarde, numa fase posterior da história, aparecem ligados por laços “familiares” – viajavam de lugar em lugar à procura de pastos para os seus rebanhos. Transportavam consigo

diversos sonhos e expectativas. Sonhavam encontrar uma terra fértil e com água abundante, onde pudessem instalar-se e descansar, fugindo aos perigos e às incertezas da vida nómada. Sonhavam também possuir uma família forte e numerosa que perpetuasse a “memória” da tribo e se impusesse aos inimigos. O deus ancestral que protegia a tribo e a conduzia ao longo das suas deambulações era o potencial concretizador desse ideal.

O relato que a liturgia do décimo sexto domingo comum nos propõe como primeira leitura deve situar-se neste cenário. Na sua origem está, provavelmente, uma antiga “lenda cultural” que narrava como três figuras divinas tinham aparecido a um cananeu anónimo junto do carvalho sagrado de Mambré, como esse cananeu as tinha acolhido na sua tenda e como tinha sido recompensado com um filho pelos deuses. Mambré, perto de Hebron, era o local onde, já no terceiro milénio a.C., muito antes de Abraão aí ter chegado, existia um importante santuário cananeu. Mais tarde, quando Abraão se estabeleceu nesse lugar, a antiga lenda cananaica foi-lhe aplicada e ele passou a ser o herói desse encontro com as figuras divinas. Alguns séculos mais tarde, no reinado de Salomão (séc. X a.C.), os autores javistas recuperaram essa velha lenda para, através dela, propor Abraão como um modelo de hospitalidade e de bondade. *in Dehonianos*

INTERPELAÇÕES

- A forma como Abraão acolhe aqueles três viajantes que, de surpresa, se apresentam à entrada da sua tenda, põe-nos a pensar no lugar que “o outro” – qualquer homem ou qualquer mulher – tem na nossa vida. Abraão não conhece nenhum daqueles homens, nem tem com eles qualquer negócio pendente; não espera ganhar seja o que for ao acolhê-los e ao disponibilizar-lhes tudo o que possui; não sabe ao certo a que é que eles vêm e se são de confiança... Mas, desde que se apercebe da sua presença, trata-os com se eles fossem enviados de Deus e tivessem direito a toda a consideração e a todos os cuidados. Como é que vemos as pessoas que, a cada passo, se cruzam connosco? Que valor lhes atribuímos? Vemos o “outro” – aquele ou aquela que Deus envia ao nosso encontro – como uma “prenda” de Deus ou como uma ameaça ao nosso bem-estar, à nossa segurança, ao nosso comodismo?
- Todos os dias se apresentam pessoas à entrada da nossa “tenda”, ao espaço onde vivemos ou onde trabalhamos. Muitas vezes é mesmo nossa missão ou nossa responsabilidade acolhê-las, dar resposta às suas solicitações, esclarecer as suas dúvidas, desbloquear situações que as impedem de ter acesso a mecanismos de ajuda e de solidariedade. Como as tratamos? Como é que as pessoas são acolhidas nas nossas repartições dos serviços públicos, nas urgências dos nossos hospitais, nas secretarias dos nossos centros de saúde, nas receções das nossas igrejas, nas portarias das nossas casas religiosas?
- Consideremos, especialmente, um dos “quadros” que marca o tempo histórico que estamos a viver: o dos imigrantes que vêm de longe à procura de condições dignas de vida para si e para as suas famílias. Em geral os imigrantes (mesmo quando não têm os “papéis” em ordem) não são criminosos, nem gente que chega para se apropriar dos recursos que nos pertencem; são irmãos nossos, que apenas querem uma oportunidade de trabalhar e de ganhar com dignidade o pão de cada dia. Como os vemos, como os valorizamos? Sentimo-nos responsáveis por eles? Acolhemo-los com indiferença, com agressividade, ou com a atitude humana e solícita que Abraão teve para com os seus hóspedes? Temos consciência de que, em cada homem sem documentos, sem pão, sem casa, sem trabalho, sem futuro, que chega às nossas fronteiras, está Deus que vem visitar-nos?
- Através daquela velha lenda que narra a “visita” de Deus a Abraão, a catequese de Israel apresenta um Deus que vem ao encontro do homem, que aceita o convite do homem e entra na sua casa, que se senta à mesa com o homem e que estabelece com ele laços familiares, que conhece perfeitamente os sonhos do homem e os realiza. É esse Deus, o Deus da comunhão e do encontro, em quem acreditamos? É esse o Deus com quem caminhamos? Estamos disponíveis para o acolher na nossa vida, para lhe abrir as portas do nosso coração e para mergulharmos no seu amor? *in Dehonianos.*

SALMO RESPONSORIAL – Salmo 14 (15)

Refrão 1: Quem habitará, Senhor, no vosso santuário?

Refrão 2: Ensinaí-nos, Senhor: quem habitará em vossa casa?

O que vive sem mancha e pratica a justiça
e diz a verdade que tem no seu coração
e guarda a sua língua da calúnia.

O que não faz mal ao seu próximo,
nem ultraja o seu semelhante,
o que tem por desprezível o ímpio,
mas estima os que temem o Senhor.

**O que não falta ao juramento mesmo em seu prejuízo
e não empresta dinheiro com usura,
nem aceita presentes para condenar o inocente.
Quem assim proceder jamais será abalado.**

LEITURA II – Colossenses 1,24-28

Irmãos:

**Agora alegre-me com os sofrimentos que suporto por vós
e completo na minha carne o que falta à paixão de Cristo,
em benefício do seu corpo que é a Igreja.**

**Dela me tornei ministro,
em virtude do cargo que Deus me confiou a vosso respeito,
isto é, anunciar em plenitude a palavra de Deus,
o mistério que ficou oculto ao longo dos séculos
e que foi agora manifestado aos seus santos.**

**Deus quis dar-lhes a conhecer
as riquezas e a glória deste mistério entre os gentios:
Cristo no meio de vós, esperança da glória.**

**E nós O anunciamos, advertindo todos os homens
e instruindo-os em toda a sabedoria,
a fim de os apresentarmos todos perfeitos em Cristo.**

CONTEXTO

A cidade de Colossos estava situada no interior da região da Frígia (Ásia Menor, atual Turquia), no vale do rio Lico, a cerca de quinze quilômetros de Laodiceia. Tinha sido, nos sécs. V-IV a.C., uma cidade próspera e populosa; mas, na época de Paulo, tinha perdido uma grande parte do seu esplendor.

Não foi o apóstolo Paulo que evangelizou a cidade. Pelos dados que constam da Carta aos Colossenses, foi um tal Epafras, convertido ao cristianismo por Paulo, que levou o Evangelho a Colossos (cf. Cl 1,7-8; 4,12-13). A maior parte dos membros da comunidade cristã de Colossos provinham do paganismo; mas havia também na comunidade um bom número de cristãos de origem judaica.

Quando escreve a carta, Paulo parece estar na prisão. Poderia ser, talvez, a prisão que Paulo sofreu em Roma, entre os anos 61 e 63. Epafras está com Paulo, talvez de visita.

As notícias que Epafras transmitiu a Paulo sobre a comunidade cristã de Colossos não eram boas. A Colossos tinham chegado pregadores cristãos, talvez de tendência judaizante, que procuravam induzir os Colossenses à observância de certas práticas judaicas, nomeadamente a circuncisão (cf. Cl 2,11), a abstinência de determinados alimentos, o cumprimento do sábado e de outras festas judaicas (cf. Cl 2,16.20-23). Havia também, na doutrina pregada por esses “mestres” judeo-cristãos, referências ao culto dos anjos, considerados guardiões da Lei, e a outros “poderes” cósmicos que governavam os astros; e os Colossenses eram exortados a enquadrar na sua visão de fé todos esses “poderes”. Paulo achava que as doutrinas ensinadas por esses “mestres” eram gravemente desviantes, pois punham em causa o papel e o lugar único de Cristo. A essas doutrinas, Paulo contrapõe a primazia de Cristo, Senhor da história, único mediador entre Deus e os homens, cabeça da Igreja, “lugar” onde habita a plenitude da divindade.

O texto que nos é proposto como segunda leitura deste domingo inicia a parte polémica da carta. Paulo fala aos cristãos de Colossos sobre o papel que lhe foi destinado enquanto testemunha do mistério de Cristo. *in Dehonianos*.

INTERPELAÇÕES

- Paulo de Tarso, o “apóstolo dos gentios”, é uma figura ímpar da história do cristianismo. Devemos-lhe o ter levado o Evangelho ao encontro do mundo greco-romano, fazendo com que a proposta de salvação quer Jesus veio trazer saltasse todas as fronteiras e chegasse a todos os homens. Mas devemos-lhe, especialmente, o exemplo de compromisso pleno, de doação total, de entrega completa a Jesus e ao Evangelho (“já não sou eu que vivo, mas é Cristo que vive em mim” – Gl 2,20). Temos consciência – como Paulo tinha – que a Igreja nascida de Jesus é, fundamentalmente, uma comunidade missionária? É com o mesmo empenho e decisão de Paulo que nós “agarramos” a missão que Cristo nos confiou e que damos testemunho de Cristo em todos os lugares onde a vida nos leva? Como é que a nossa comunidade cristã considera e valoriza os homens e as mulheres que dedicam toda a sua vida à causa do Evangelho?
- Paulo de Tarso soube sempre discernir o essencial do secundário. Ele sabia que o essencial é para ser preservado a todo o custo e colocado no centro da nossa vida, enquanto o secundário pode ser dispensado. Para Paulo, o essencial é Cristo e o seu Evangelho. Tudo o resto só interessa enquanto

conduz a Cristo. Mais: devemos ter cuidado para que o secundário não tome o lugar de Cristo e não nos oculte Cristo ou nos distraia de Cristo. Para os cristãos de Colossos, as “distrações” que impediam de “ver” Cristo eram as práticas judaicas, as doutrinas que enalteciam o lugar e o papel dos anjos, as reflexões sobre os “poderes cósmicos” que governavam os astros (“os Tronos e as Dominações, os Poderes e as Autoridades” (Col 1,16); para nós poderão ser certas práticas de piedade que colocamos no centro da nossa experiência de fé, a fixação em rituais antigos e estéreis, as imagens e figuras religiosas que dizemos “adorar”, as “aparições” e “revelações” que pretendem falar mais alto do que o Evangelho anunciado por Jesus, as práticas supersticiosas por vezes apresentadas com um verniz cristão... Que lugar ocupa Cristo na nossa experiência de fé? Quais são os valores e as figuras que sustentam o edifício religioso que vamos construindo? *in Dehonianos*

EVANGELHO – Lucas 10,38-42

Naquele tempo,

Jesus entrou em certa povoação

e uma mulher chamada Marta recebeu-O em sua casa.

Ela tinha uma irmã chamada Maria,

que, sentada aos pés de Jesus,

ouvia a sua palavra.

Entretanto, Marta atarefava-se com muito serviço.

Interveio então e disse:

«Senhor, não Te importas

que minha irmã me deixe sozinha a servir?

Diz-lhe que venha ajudar-me».

O Senhor respondeu-lhe:

«Marta, Marta,

andas inquieta e preocupada com muitas coisas,

quando uma só é necessária.

Maria escolheu a melhor parte,

que não lhe será tirada».

CONTEXTO

Jesus vai com os discípulos a caminho de Jerusalém. A cada passo detém-se a instruí-los. Na “escola de Jesus”, os discípulos vão interiorizando os valores do Reino e preparando-se para serem, após a ressurreição, os arautos da salvação que Jesus veio propor.

O episódio que a liturgia deste domingo nos propõe como Evangelho é exclusivo de Lucas: não aparece em mais nenhum dos Evangelhos. A história passa-se numa casa de família onde vivem duas irmãs: Marta e Maria. O nome “Marta” é a forma feminina da palavra aramaica “mar”, que significa “senhor”. Marta é a “senhora” daquela casa.

Marta e Maria são referidas em Jo 12,1-12 como irmãs de Lázaro, aquele que Jesus ressuscitou dos mortos (cf. Jo 11,144). No Evangelho de João, o lugar de residência desta família amiga de Jesus é Betânia (a atual “al-Azariye”), uma pequena povoação situada na encosta oriental do Monte das Oliveiras, a cerca de três quilómetros de Jerusalém. Lucas, no entanto, não faz qualquer referência ao nome do lugar onde vivem estas irmãs (“Jesus entrou em certa povoação” – vers. 38). No esquema de Lucas, o episódio parece até situar-se numa localidade longe de Jerusalém, pois Jesus tinha iniciado há pouco a sua caminhada em direção à cidade santa.

O mais provável, para explicar estas incongruências, é que Lucas tivesse recolhido este episódio da tradição e o tivesse enquadrado no seu esquema teológico sem se preocupar com o seu enquadramento geográfico.

Mais do que uma história de acolhimento ou de hospitalidade, esta narração parece ser, sobretudo, uma catequese sobre o discipulado. Quem é o verdadeiro discípulo de Jesus? Qual deve ser a preocupação primordial daquele que se dispõe a seguir Jesus? *in Dehonianos*

INTERPELAÇÕES

- Os nossos dias vivem-se a um ritmo sufocante. A sobrecarga de trabalho, a pressão para corresponder às expectativas, a obrigação de fazer tudo para ontem, o cumprimento dos objetivos que nos impõem, obrigam-nos a uma correria sem fim. Dizemos estupidamente que “tempo é dinheiro” e procuramos aproveitar avidamente cada instante, não percebendo que a vida nos vai escapando por entre as mãos e que nos vamos desumanizando sempre mais. Mudamos de fila no trânsito da manhã vezes incontáveis para ganhar uns metros, arriscamos a vida passando semáforos vermelhos, comemos de pé ao lado de pessoas para quem nem sequer olhamos, chegamos a casa

tarde, extenuados, enervados, vencidos pelo cansaço e pelo stress, sem tempo e sem vontade de brincar com os filhos ou de lhes ler uma história e dormimos algumas horas com a consciência de que o dia a seguir vai ser exatamente igual... Temos ótimas desculpas: são as exigências da vida moderna; temos de viver a este ritmo para não ficar para trás; não podemos perder a batalha diária pela existência. Contudo, mesmo que tudo isso seja verdade, acabamos por transigir com o sistema e por prescindir de coisas essenciais. Que espaço fica para nos encontrarmos com Deus? Que tempo fica para nos encontrarmos com Jesus, para O escutarmos, para acolhermos as suas propostas? Que tempo e que espaço ficam para a família, para os amigos, para tudo isso que torna a nossa vida mais humana e mais feliz?

- Marta e Maria, respetivamente a discípula que vive para servir e a discípula que se senta aos pés de Jesus para escutar a Palavra, não representam duas realidades opostas; mas representam duas facetas que, no conjunto, “compõem” a figura do verdadeiro discípulo. Viver como discípulo de Jesus não se resume simplesmente em “fazer coisas”, ainda que boas e úteis; um ativismo que não parte do encontro com Jesus e da escuta da Palavra de Jesus, acaba a médio prazo por se tornar um “cumprir calendário” sem sentido e sem objetivo. Por outro lado, viver como discípulo de Jesus também não é ficar simplesmente sentado a “olhar para o céu”, desligado das realidades da terra, alheio às necessidades, aos sofrimentos e às alegrias dos homens. O discípulo de Jesus senta-se primeiro aos pés de Jesus, como Maria, a fim de escutar as indicações de Jesus e receber as indicações que Ele dá; depois, como Marta, dispõe-se a servir os irmãos, com dedicação e generosidade. É desta forma que procuramos viver o nosso seguimento de Jesus? Nas nossas comunidades cristãs, onde há sempre tanta coisa a fazer, a ação é sempre precedida da escuta de Jesus?
- Há alturas do ano que, no calendário das sociedades, são tradicionalmente épocas privilegiadas de férias, de descanso, de libertação da rigidez dos horários e da tensão que resulta das responsabilidades laborais... É provável que muitos de nós estejamos, nesta altura, a viver esta experiência. Se assim for, procuremos que este tempo não seja mais uma corrida desenfreada para lugar nenhum, mas um tempo de reencontro connosco, com a nossa família, com os nossos amigos, com Deus e com as nossas prioridades. A oração e a escuta da Palavra podem ajudar-nos a recentrar a nossa vida e a redescobrir o sentido da nossa existência. O espaço para Deus, a escuta de Jesus, o tempo para a família, o encontro com os amigos, a leitura de um bom livro, a preocupação com a cultura, o contacto com a natureza, a reflexão sobre o sentido da nossa vida e das nossas opções, fazem parte do nosso “calendário” de férias?
- Qual é a nossa perspetiva da hospitalidade e do acolhimento? Como é que acolhemos as pessoas que entram na nossa vida e na nossa casa? Ao narrar-nos uma “visita” de Jesus a casa de uma família amiga, Lucas sugere-nos delicadamente que o verdadeiro acolhimento não se limita a abrir a porta, a instalar a pessoa no sofá mais cómodo, a ligar a televisão para que ela se entretenha sozinha enquanto corremos para a cozinha para lhe preparar uma refeição memorável; mas o verdadeiro acolhimento passa por dar atenção àquele que veio ao nosso encontro, por escutá-lo, por partilhar com ele a nossa vida, por fazê-lo sentir o quanto nos preocupamos com aquilo que ele sente... Temos consciência de que, muitas vezes, o “estar com” a pessoa é muito mais expressivo do que o “fazer coisas” para ela?
- Jesus, contra os costumes da época, aceita hospitalidade na casa de duas mulheres; Jesus, contra o costume da época aceita que uma das mulheres – Maria – assuma o lugar de sua discípula. Nas mais diversas situações Jesus mostrou, com gestos bem concretos, que no projeto de Deus não há lugar para a discriminação de seja quem for. Estamos conscientes disso? Não será já altura de eliminarmos da sociedade e da Igreja atitudes discriminatórias que não vêm de Deus ou do Evangelho, mas sim do nosso egoísmo, da nossa prepotência, dos nossos preconceitos? *in Dehonianos*.

Para os leitores:

A Liturgia da Palavra deste Domingo não apresenta nenhuma dificuldade aparente. Contudo, ambas as leituras requerem uma acurada preparação devido às frases longas com diversas orações. Deve preparar-se bem as pausas e as respirações para uma mais eficaz proclamação da leitura.

Na **primeira leitura**, deve ainda haver um especial cuidado nas diversas frases em discurso direto, articulando bem o diálogo entre os diversos intervenientes.

I Leitura: (ver anexo)

II Leitura: (ver anexo)